

ENSAIOS DE ONOMATOLOGIA PORTUGUESA

(1.º Artigo)

A ONOMATOLOGIA occupa-se do estudo da origem e alterações (no sentido e na forma) dos nomes proprios; como estes se referem geralmente a *locaes* e a *pessoas*, d'aquí o poder dividir-se a ONOMATOLOGIA em *TOPONYMIA* e *ANTHROPONYMIA*.

Ninguem que tenha senso porá um momento em d'úvida a importancia da Onomatologia. As invasões p'asso, os costumes modificão-se ou desaparecem, as condições phisicas do solo varião, e comtudo os *nomes* lá ficão muitas vezes, como marcos esquecidos, como sentinelas do passado, a revelar ao philologo um grande número de factos que d'outro modo nos serião inteiramente desconhecidos. Pelo estudo *di alcune forme de' nomi locali dell' Italia Superiore* (Torino 1874) chegon o illustre Flechia a resultados importantes para a ethnographia italiana, mostrando com a anályse de varios suffixos, que elle explica pelas linguas celticas, germanicas, etc., a successão de diversos povos que em tempos antigos invadirão a Italia. O trabalho de W. Joyce, *The origin and history of Irish names of places* (Dublin 1869) é egualmente uma boa contribuição para a historia da Irlanda. Como estes dois trabalhos podião se citar muitos outros. Ha-de ser tambem pelo estudo da onomatologia lusitana que a questão das nossas origens ethnicas se aclarará em parte; nelle anda empenhado o sr. Adolpho Coelho, que já den alguns especimens nos seus escritos *Sur la forme de quelques noms géographiques de la péninsule ibérique*, 1882 (publicado in *Mélanges Girard*, e reproduzido in *Revue Celtique*), e *Vestigios das antigas linguas da península ibérica*, 1.º artigo. Porto 1886 (extr. da *Rev. de Guimarães*, vol. III). Auxiliados apenas pelo onomastico, podemos apreciar usos e instituições hoje obliteradas, como se verá com as palavras *Apreslimo*, *Filhaletta*, etc., e determinar a fauna e a *zoologia* antigas de certas localidades, como acontece com a existencia dos *ursos* e *valdos* em Portugal, o que adeante mostrarei.

O estudo da onomatologia portuguesa está cheio de difficuldades, porque, exceptuando os citados escritos do sr. Adolpho Coelho, e uma ou outra nota avulsa aqui e alem, quer nos trabalhos d'elle, quer nos de outros philologos que se tem occupado da nossa lingua, não está ainda nada feito por onde me eu possa guiar nestes *Ensaíos*, que são a amplificação e continuação de umas notas publicadas por mim na *Rec. da Soc. de Instr. do Porto*, vol. III-IV. E' certo que o geral dos nossos chorographos tem tractado mais ou menos de onomatologia; mas, como elles escreverão sem methodo philologico e sem espirito

scientifico, não merecem confiança alguma. O livro que mais se presta à critica neste sentido é o *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal, escriptor de uma superficialidade e estupidez taes, que ás vezes chega a causar dó a leitura da sua obra; elle trabalhou bastante, recolheu mesmo muitos factos de valor, mas subordinou tudo a umas ideias geraes muito falsas, de modo que só com grande cautela se deve consultar ¹. Para muitas pessoas o rigor onomatologico parecerá uma cousa escusada, porque raras serão as povoações cujo nome os eruditos locaes não expliquem: assim um dir-nos-ha que *Filhadella* significa *Filha d'ella* e a este proposito contará uma historia; outro affirmará que *Alijó* se chama assim, porque «alli esteve Job»; outro finalmente explicará *Acellada* por uma exclamação *Avè, leda!* E assim successivamente, porque é uma tendencia natural ao homem interpretar o que elle não conhece. Não é a linguagem uma cousa tão humana, tão nossa? Quem melhor poderá explicá-la do que aquelle que a falla? E comtudo dá-se aqui uma illusão. Que ha mais intimo do que o *pensamento*, e apesar d'isso o homem não sabe em que elle consiste! Eis porque a philologia se não importa com essas explicações phantasticas, e applica o seu methodo a este assumpto.

O methodo philologico applicado ao onomastico não differe essencialmente d'aquelle que se applica ao estudo da lingua commum. Eu procedi da seguinte maneira: em primeiro logar, a proposito de um dado nome, busquei as fôrmas eguaes ou semelhantes, para me assim certificar se o nome originario era appellativo, ou pelo menos muito generico; depois procurei as fôrmas antigas, sempre que me foi possível, ou as fôrmas parallelas, quer dentro do portuguez, quer nas linguas irmans, e assim cheguei ás fôrmas primitivas. Mas em geral não basta aproximar duas ou mais fôrmas para filiar umas nas outras: é preciso verificar pelo sentido, pela phonetica, e ainda ás vezes pela morphologia, a correspondencia exacta de umas fôrmas ás outras. Quando se diz que tal palavra vem de outra, torna-se necessario não deixar uma só letra sem explicação, porque um som não se transforma à toa noutro qualquer, ha sempre aqui uma regra. Assim eu ha annos tive uma questão litteraria com um sujeito que escreveu que *Caminha* proviera de *Caput Minii*; apesar da etymologia ser tentadora, eu pedi a demonstração, mas, como elle m'a não soube dar, a sua explicação ficou sem valor para mim. E' por isso que todos aquelles que não são philologos de profissão se devião abster de dar explicações etymologicas, porque se arriscão a encher de erros os seus escritos. Do mesmo modo que quem não é medico se não mette a fazer receitas, nem quem não é engenheiro a riscar estradas, tambem quem não estudou a philologia não deve invadir o campo dos especialistas. Muita gente suppõe que nesta advertencia, que já pouco mais ou menos em taes termos tem sido formulada por varios philologos, ha da

¹ Esta critica já não aproveita ao auctor, porque é fallecido; mas póde aproveitar aos seus continuadores.

parte d'estes egoismo ou farrroma: enganão-se; á philologia custou muito trabalho a implantação do seu methodo, e d'aqui a mágoa de o ver em mãos de leigos, que o não sabem applicar e por isso o desacreditão.

Com quanto eu me esforce por ser o mais exacto possível, devo porém dizer que não aspiro de modo algum a um rigor absoluto, e que estou prompto a mudar de opinião, logo que me appareção provas que eu julgue melhores que as minhas: «... at present I only wish to remind the reader that a rigorous mathematical method is quite impracticable in such an investigation, which can only be carried out by a process of cumulative reasoning, based on a number of independent probabilities»¹.

As fontes principaes de que me serví para estes *Ensaíos* fôrão: as corographias, com especialidade a abundante *Chorographia moderna do reino de Portugal* de João Maria Baptista, e a *Corografia Portuguesa* do Padre Carvalho da Costa; as matrizes prediaes de algumas repartições de fazenda, aonde pude ir colher nomes de campos; o *Elucidario* de Viterbo; os *Portugaliae monumenta historica*; varios Foraes; a collecção do *Diário do Governo*, onde vem muitos nomes locais, de campos, etc.; informações particulares que recebi de amigos meus, etc. etc.

Eu desejava fazer já uma classificação dos nomes aqui estudados, e para isso os disporia segundo as proveniencias (nomes tirados da flora, nomes tirados da fauna, nomes tirados das feições do solo, etc.); mas esse trabalho é-me por ora impossivel. Não sigo pois ordem nenhuma, vou estudando os nomes conforme me convier melhor, e no fim darei então um indice analytico e outro synthetico, de modo que por um lado a busca dos nomes seja facil, e por outro a importancia real do assumpto salte aos olhos do leitor.

1. Muitas aves fôrão a origem de nomes proprios; nada pois de admirar que o *melro*, o mavioso cantar dos nossos campos, tenha tambem contribuido para a formação do onomastico português. De facto a *Chorographia moderna* de João Maria Baptista (Lisboa 1878) offerece as seguintes fórmãs: MELREIRA² (cfr. LOBEIRA, COELHOIRA, etc.), MELBINHO, MELROA, MELROEIRA, MELROINHA, MELROS. Provavelmente MELRIÇO e MELRIÇA vem ainda de *melro* e *melra* (pop. por *mel-roa*) por meio do suffixo *-iço* e *-iça* (cfr. *palhica*, *camuça*, etc.); MELRIÇAL assenta em MELRIÇA (cfr. CARRIÇAL de CARRIÇA, etc.). E' provavel ainda que MELRINA seja um deminutivo pertencente á mesma familia; neste deminutivo assentão outros deminutivos, MELRINETA e MELRINITA,

¹ H. Sweet. — *Hist. of English sounds*, London 1874, pag. 26.

² Todos os nomes escriptos em versaletes são proprios (de locais ou appellidos).

pois é um principio de morphologia portuguesa (que não se indicou ainda, que eu saiba) que um deminutivo formado de outro ha-de ter geralmente um suffixo differente (cfr. *caix ot-inha*, etc.). Ha mais MELRE e MELRES, que supponho são ainda transformações de *melro*, cujo -o se mudou em -e, como acontece noutros nomes nas mesmas circumstancias. MERELIM pôde egualmente ser um deminutivo de *merulus*. — Temos agora outra serie de fôrmas: MELLO, MELLES, MELLINHO e MELLIM. Começarei por MELLO, nome de uma villa que fica na Beira-Baixa (e appellido). Estabeleço relação entre MELLO e *melro*, fundando-me em tres ordens de factos: na historia do nome, na possibilidade phonetica e no brazão de armas da villa. Vejamos. Na *Chronica dos conegos vregantes de Santo Agostinho* diz-se positivamente que o nome antigo d'esta povoação foi MELRO; Pinho Leal, que cita o facto no seu *Portugal antigo e moderno*, s. v. *Mello*, conta tambem que havia na casa da camara da villa um sinete antigo com este distico: — «*sello do concelho de Melro*». Mas *Melro*, nesta fôrma, não podia facilmente dar *Mello*, pois a tendencia mais natural seria transformar o *l* em *r* (assimilação progressiva), o que daria **Merro* (como acontece em *espírrar*, ao lado do pop. *spírrar* e *ispírrar*¹); vale-nos pois aqui a phonetica comparada. Nos dialectos meridionaes de Portugal (pelo menos assim ouvi na Extremadura) diz-se *merlo*, o que corresponde, como se sabe, á fôrma italiana *merlo* e ao francês *merle* (= *merula*); ora *merlo* vem do lat. *merulus* (*mer'la*), como por ex. o pop. *perla* vem de *pérula* (perola); devia por tanto coexistir na pronúncia beira um termo popular e antigo *Merlo* com o termo *Melro*, do mesmo modo que noutros dialectos coexiste *Calros* (*Caulros* no dialecto interamnense) com *Carlos*, *bulva* com *burla*, etc. (cfr. D. Carolina Michaelis, *Studien zur hisp. Wortdentung*, § 5, in *Miscellanea Caix-Canello*). Ha tambem um nome de local MERLÂES (por **merlaes*) que deriva de *merlo*². Na fôrma *Merlo* é que assenta perfeitamente *Mello*, por uma assimilação (progressiva) do *r* ao *l*, com o aconteceu em *pelo* = ant. *pelto* = *pérto* = *per'lo*. Eis ahí um exemplo de como a linguagem popular ajuda a explicar a linguagem litteraria: effectivamente os dialectos não são cousa tão vil e tão inutil como alguns sabichões do nosso país imaginão. A estes dados, fornecidos pelos documentos escritos e pela philologia, acresce outro, fornecido, como disse, pelo brazão de armas. Segundo o Padre Carvalho da Costa, in *Corografia Portuguesa*, vol. II, cap. XII, o brazão da villa de Mello consta das armas reaes de Portugal «entre duas arvores verdes, cada uma com seu *merlo*³ em cima»; mas, se os primeiros factos não estabeleces-

¹ *Spírrar*, *ispírrar* (espírrar) são decerto as fôrmas primitivas; assentão num deminutivo **respirulare* ou **spirulare* (cfr. o port. *cantarolar*, de *cantar*).

² Adeante tratarei da nasalisação que se dá neste caso e noutros que assentão em nomes primitivamente acabados em -*aes*, como CARREGIÊS (= **carregies*), CEFIÊS (= **cepaes*), FIÂES (= *Flaes*, etc.)

³ O proprio Padre Carvalho emprega esta fôrma *merlo*.

sem em solidas bases a etymologia que propuz, o terceiro, só por si, pouco valia, pois nem sempre os brasões de armas são guias seguros em taes investigações, como acontece, por ex., com o de Chaves, que tem por emblema umas *chaves*, ao passo que este nome não se relaciona absolutamente em nada com aquelle. — Explicado assim MELLO, explicão-se MELLINHO e MELLIM como deminutivos, porque o suffixo *-im* não é raro no nosso onomastico com valor deminutivo; MELLES está para MELLO, como MELRES para MELRO, pois entre MELLES e MELLO devia haver uma fôrma *MELLE (de que MELLES será plural), como entre MELRES e MELRO houve MELRE¹. Estes diversos derivados de duas fôrmas primitivas unicas (*merulus, merula*) explicão-se pela variedade das condições de meio e de raça em que as transformações se derão.

2. SALZEDAS, freguesia no concelho de Mondim-da-Beira, notavel pelo convento que teve pertencente aos bernardos. O povo, como os AA. antigos, diz AS SALZEDAS, antepondo o artigo; mas a fôrma litteraria moderna é sem artigo. Em geral no nosso país antepõe-se o artigo áquelles nomes proprios que primitivamente forão nomes communs (ex. o PORTO, A GUARDA, AS PAREDES, OS CARVALHOS, etc.), e está aqui ás vezes um criterio que deve guiar o philologo no seu estudo, porque não raro, apesar do nome se obscurecer, em virtude das transformações porque passou, fica o artigo na tradição do povo, que o emprega inconscientemente. Ninguem hoje reconhecerá á primeira vista em *Salzêdas* o substantivo commum que foi na origem; contudo o povo antepõe-lhe o artigo, que não tem aqui outra razão de ser senão a tradição antiga que se não perdeu ainda. A seguinte cantiga popular, que eu recolhi ao pé da povoação (porque ella pertence ao meu concelho), demonstra bem o facto:

O' relóijo das *Salzêdas*,
Pêço-te por caridade
Que dês as onze máis cedo
É o máio-dia máis tarde.

Os diferentes documentos que consultei para o estudo d'este nome apresentão-no com várias fôrmas: um documento latino do sec. x, citado no *Elucidario*, I, 186 (2.^a ed.), offerece ao mesmo tempo *Salizete* e *Salzeta* (duas vezes), fôrmas que são certamente uma traducção barbara de *Salzeda*; diz Pinho Leal, *obr. cit.*, s. v., que no foral velho, sem data, mas que é dos principios da monarchia, se lhe dá o nome de *Salzeda*; num doc. lat. de 1198, cit. por Viterbo, I, 258, lê-

¹ A fôrma MELRES é para mim um tanto obscura; todavia talvez se possa identificar com a familia de palavras aqui citadas. Nessa fôrma assentarão tambem por ventura MERIM e MERELHE (deminutivos, segundo parece).

se *Salzeda*; noutro doc. lat. de 1203, citado por Pinho Leal, *ib.*, vem o genitivo *Salzedae*; noutro doc. de 1209, citado pelo mesmo A., ha tambem *Salzedae*; num doc. lat. de 1221, publicado por Viterbo, 1, 307, acha-se *Salzeda* varias vezes; o escriptor João de Barros (sec. xvii), auctor da *Geogr. de Entre Douro e Minho*, que está em ms. na bibliotheca do Porto, onde a consultei (não se confunda este A. com o das *Decadas* e da *Grammatica*), emprega a forma *Serzedá*; um ms. de 1529, que consultei numa livraria particular, tem *Carzedá*; no frol que D. Mannel deu ao mosteiro emprega-se a fôrma *Cerzedas*; uns versos latinos que havia no mosteiro no tempo de Fr. Bernardo de Brito, e que elle transcreve na *Chronica de Cister*, ed. 1602, part. 1.^a, fls. 292, v., lê-se *Salzedae Sanctae Mariae* (estes versos talvez sejam do sec. xvi): fr. Bernardo de Brito serve-se do termo *Salzedas* na sua *Chronica*; Viterbo (sec. xviii-xix), que era natural de uma povoação não muito distante de Salzedas, e que conhecia bem de perto ésta e o mosteiro, emprega concorrentemente *Salzeda* e *Salzedas*. Alem d'estes factos, ha um doc. ant. que Viterbo publica, 1, 50, mas cuja data é incerta, onde apparece *Salzedas*. Em resumo, temos pois: *Salzeda*, *Salzedas*, *Serzedá*, *Cerzedas* e *Carzedá*. Estas tres ultimas fôrmas devem considerar-se como erradas, e apenas resultantes de confusão com outras verdadeiras que effectivamente ha (*Cerzedá*, *Sarzedá*, *Sarzedas* e *Sarzedo*), mas que se referem a outras povoações e tem uma explicação diversa; de facto as fôrmas com *l* são mais antigas, e no dialecto beirão o *l* naquellas circumstancias não se muda facilmente em *r*, o que hoje acontece no dialecto interamnense (onde se diz *árma* = *alma* etc.): por isso só com custo *Salzeda* podia dar *Carzedá*, *Serzedá* ou *Cerzedas*, de mais a mais escriptas com *Ç* e *C* que naquella epocha soavão differentemente de *S*, e que não podião provir d'este. Como Viterbo emprega ao mesmo tempo *Salzeda* e *Salzedas*, e as fôrmas no singular são vulgares até ao sec. passado, podemos concluir que ésta povoação teve dois nomes, um *Salzeda* e outro (talvez sómente do sec. xvi em diante) *Salzedas*, que primeiro existiu ao lado d'aquelle e depois o supplantou completamente, pois hoje ninguem diz senão *Salzedas*. — A etymologia é evidentemente o lat. *saliceta*, de *salicetum* (d'onde proveiu *salicium*), derivado de *salix* (salgueiro); não é raro que nomes neutros latinos da 2.^a declinação estejam representados pela forma neutra do plural em *-a*, que neste caso se confundia com os nomes da primeira declinação, e por isso era tractada como uma fôrma feminina do singular, o que se vê em *fata* (de *fatum*), *pigmenta* (de *pigmentum*), *debita* (de *debitum*), etc., que derão respectivamente *fada*, *pimenta* e *dívida*. Assim: *Salzedas* plur. de *Salzeda* = **sal'eta* (formado de **sal'ce* = *salicem* ¹) por *saliceta* plur. de *salicetum*. O *c*

¹ Nos proparoxytonos, o *l* post-tonico syncopa-se facilmente, como se sabe; ex. pop. *calce* = *calice*, *alma* = *ou ma* = *anima*, *urze* = *salce* = *ulice*, etc. No caso presente a forma **sal'ce* é-nos attestada pelas castelhanas *salce* e *sauce*, que correspondem áquelle, a primeira directamente, e a segunda pela dissolução do *l* em *u*.

mudou-se em *z*, como em *azedo* = *actum*, *urze* = *ulicem*, CERZEDO *querquetum*; o *t* abrandou-se em *d*, como num dos exemplos precedentes. — Viterbo escreveu pois com razão a respeito da localidade: «Este sitio, cercado de aguas, e que ainda hoje produz immensa copia de salgueiros, era o mais proprio para dar o nome à Salzeda, que no latim d'aquelles tempos se chama *Saliceta*, que corresponde a *Salicetum* ou *Salgueiral*»; *Elucidario*, I, 186.

3. O latim *sacum* (seixo) deu Souseo ou Soiso, pron. pop. *sôzo* ou *sôizo* (vinha no Peral, c. do Cadaval); deu mais os deminutivos SOUSÉLLO e SOUSEL. Na forma *saca* (cfr. § 2) deu SOUSA ou SOISA (rio, povo e appellido), bem como Sosa (que é uma simples condensação de *Sousa*), e os deminutivos SOUSELLA e SOUSELLAS. A respeito de um dos nomes antecedentes, tenho ouvido dizer ao povo a SOUSA ou a SOISA (com a anteposição do art.), o que confirma em parte a minha etymologia, mostrando que o nome foi commum na origem (cfr. § 2.) Eis agora a demonstração phonologica: como se sabe, lat. *x* = *cs*, por isso *sacum* pronunciava-se (e pronuncia-se ainda nas aulas) *sacsun*; nesta palavra o *c* dissolven-se em *u*, por estar antes de consoante, como no arch. *tauser* (Viterbo, *Elucid.*), que vem de *taesare* = lat. *taxare*, — por isso *sacsun* deu **sausu-*; d'esta palavra veio *Souseo*, pela mudança de *au* em *ou*, o que é frequente na nossa lingua, como se vê em *touro* = *taurus*, *ouro* = *aurus*, etc.; de *Souseo* veio *Soiso*, pela correspondencia que ha entre *ou* e *oi*, como se vê em *toiro* = *touro*, *oiro* = *ouro*, etc. — Ha outras formas parallelas a estas: SEIXA, SEIXAS, SEIXO (que se explica como o nome commum *seixo*), e, com o suffixo *-al* (cfr. adiante), SEIXAL, etc. Outros derivados são: SEIXOSO e o demin. SEIXESELLO (por **seixosello*). — Nota: uns escrevem *Sousa*, outros *Souza*, embora a pronuncia seja sempre com *z*; a orthographia etymologica pede porém que escrevamos com *s*, enquanto não houver signaes differentes que correspondão ás diversas origens do som *s*.

4. Nas Chorographias apparecem os seguintes nomes: FONSECA (que tambem é appellido) e FONSECAS; egualmente existe como appellido AFONSECA, que de ordinario se escreve *Affonseca*, cuidando-se que tem relação com *Affonso*! — A etymologia de FONSÊCA é FONTE-SÊCCA (que tambem existe como nome de local), em virtude d'estes intermedios: *Font'-sêcca* (como se diz em pronuncia rapida) e *Fonssêca*, por assimilar do *t* ao *s* (mais propriamente, *absorção*), o que tambem se observa em MONSANTO (= *Mont'santo*) e MOSSUL (= MONSUL = **Mont'Sul*, por *monte do Sul*); cfr. ainda MONFORTE (= **Mont'forte*). Alguem poderia lembrar-se do lat. *fons sicca*, que á primeira parece mais vizinho da forma portuguesa, postoque *fons* no latim classico fosse do genero masculino: mas nada se oppõe á etymologia primeiro dada; além d'isso o nominativo *fons* parece não ter existido no latim popular, como se deduz do que diz o glottologo Mussafia: «... in vero la forma classica latina [*fons*] non lasciò veruna traccia di sé nel romanzo. Prov.

Taurus au
in no Faind
(Lang).

Lousa con z
sec. IX
sec. I 1992

* VE, SAES = ant. OSSAES, LEDO = OLEDO, pop. VAR = OVAR, etc. O sentido tambem se não oppõe á minha explicação: de facto ha varios locaes com nomes de significação semelhante, taes como MATANÇA, HOMEM MORTO, MORTORIO, SERRA DA MULHER MORTA, etc.

6. O systema das *vides de enforcado*, tanto em voga no Minho, deu ~~logar~~ ao nome commum *uveira* (*uv-eira* de *uva*) para designar uma «arvore a que uma vide se arrima»; já um escriptor latino disse: *ulmi vitibus maritantur*. D'aqui o apparecimento de nomes de sitios como os seguintes, que colhi nas matrizes prediaes da repartição de fazenda de Guimarães: UVEIRAS (campo, f. de Balazar), UVEIRINHAS (sitio, f. de S. Torquato), UVEIRAL (sitio, *ib.*). — Este § não dá nenhuma novidade aos leitores minhotos, mas dá-a talvez aos que forem de outras provincias, onde aquelle processo vinicola não tenha a importancia que tem no Minho.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CONTOS AFRICANOS

(INTERIOR DE BENGUÉLA)

I — Sirombo

Havia um homem que tinha duas mulheres. Uma não tinha filhos, a outra tinha uma filhinha muito linda que se chamava Sirombo. A mulher que não tinha filhos, cheia de inveja, um dia que a outra foi buscar agua, deitou-a ao rio para a matar. Ella, porém, não morreu, porque, ao cahir, apanhou-a o rei dos peixes que a levou para o seu palacio e lhe deu muitas prendas; casaram-se e ficaram ambos a viver lá no fundo do rio.

A mulher má, quando chegou a casa, fingiu-se toda afflicta e disse ao marido que a outra se afogara. D'ali em diante principiou a maltratar a Sirombo quanto pôde; tirou-lhe os enfeites, cortou-lhe o cabello e sujou-a toda para ella parecer feia; depois mandou-a buscar agua. Sirombo foi, a chorar, mas, logo que metheu a bilha na agua, ouviu a voz da mãe perguntando se era ella quem estava a fazer *buin, buin*, e respondendo-lhe ella que sim, sahio das ondas a mãe,